

Tecnologias Comunicacionais e a Problemática da Atenção: Elementos de uma Perspectiva Histórica¹

Ericson Saint Clair – Mestrando do PPGCOM/UFF²

Resumo

Trata-se de fornecer elementos para a investigação da atenção na contemporaneidade – em suas intrincadas relações com as tecnologias virtualizantes – por meio de um pertinente recuo histórico ao final do século XIX. Sugere-se que o advento do telégrafo elétrico – aparato que configurou métodos e padrões técnicos para o desenvolvimento da Internet – inseriu-se num processo mais amplo de transformação dos regimes de atenção normativa calcado em diversas reorganizações institucionais e discursivas do capitalismo do fim do século XIX.

Palavras-chave: tecnologias da comunicação; internet; atenção

"Queremos servir à história somente à medida que ela sirva à vida".
Friedrich Nietzsche

A contemporaneidade assiste ao vertiginoso recrudescimento das esferas de influência das chamadas novas tecnologias da comunicação, em especial das tecnologias do virtual atreladas às máquinas computacionais. Constituindo-se um dos principais pilares de estruturação dos novos processos de organização econômica, jurídico-política e cultural do capital, tais tecnologias trabalham no sentido de aceleração dos fluxos de troca de informação de forma contínua e não-linear, complexa e reticular, consolidando o que se tem denominado Sociedade em Rede³.

Na esteira destas reconfigurações relacionadas às tecnologias, a análise da subjetividade contemporânea torna-se problemática face a suas relações com os novos módulos e modulações constitutivos das categorias perceptivas dos indivíduos.

O constante fluxo de informações movimentado nas telas dos computadores, as descontinuidades espaço-temporais envolvendo os telefones celulares, por exemplo, exigiriam dos sujeitos contemporâneos novas modulações de percepção, mais adaptativas à

¹ Trabalho apresentado ao NP 09 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Ericson Saint Clair é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharel em Comunicação Social pela Uerj, foi bolsista Pibic/Uerj na pesquisa *A Internet e seus efeitos sobre a subjetividade*, orientada pelo Prof. Dr. Márcio Gonçalves. Atualmente, desenvolve a pesquisa *Tecnologias comunicacionais e Alteração dos Regimes de Atenção: uma Perspectiva Histórica*, sob orientação da Prof. Dra. Maria Cristina Franco Ferraz. E-mail: ericson@ism.com.br

³ Cf. Castells, 1999.

velocidade com que tais processos operam. Simultaneamente, verificar-se-ia o surgimento de novas “patologias” atreladas ao que se tem denominado “déficit de atenção”, em que a incapacidade de síntese perceptiva pelos indivíduos é diagnosticada por meio de sintomas e condutas que demonstram indícios de rompimento com a coesão social. Transtornos de ansiedade, síndromes do pânico e depressões seriam conseqüências deste complexo de desagregação do campo perceptivo.

Neste sentido, é de extrema importância um exame mais minucioso da ascensão de recentes e complexos regimes de atenção atrelados a estas tecnologias.

Diante de questões de tal envergadura e complexidade, a literatura a respeito das novas conexões da subjetividade relacionadas às tecnologias do virtual, no campo da comunicação, apesar de ter sido consideravelmente numerosa nos últimos anos⁴, aponta mais comumente a ânsia por respostas mais sólidas do que necessariamente meios de análise devidamente profícuos à altura da problemática que se nos impõe.

Freqüentemente, a subjetividade contemporânea tem sido descrita em termos de ruptura, quando em comparação a uma suposta subjetividade moderna. Ao passo que o sujeito contemporâneo – envolto pela constantemente ambígua categoria de pós-moderno – é caracterizado como descentrado, plural, desterritorializado etc, o sujeito moderno é descrito como racional, unívoco, territorializado. A título de exemplo, vejamos:

A imagem da subjetividade humana que tem dominado o nosso pensamento é, como sabemos, aquela que nos foi legada pelo *cogito* cartesiano: a existência do sujeito é idêntica a seu pensamento. Embora temperada pelas diversas filosofias hegelianas, kantianas, fenomenológicas e existencialistas, foi a imagem de um sujeito pensante, racional e reflexivo, considerado como a origem e o centro do pensamento e da ação, que esteve subjacente, até recentemente, às principais teorias sociais e políticas ocidentais. Esse ‘sujeito’ é, na verdade, o fundamento da idéia moderna e liberal de democracia. É ‘ele’, ainda, que está no centro da própria idéia moderna de educação. (...) O ciborgue nos força a pensar não em termos de ‘sujeitos’, de mônadas, de átomos ou indivíduos, mas em termos de fluxos e intensidades (...). O mundo não seria constituído, então, de unidades (‘sujeitos’), de onde partiriam as ações sobre outras unidades, mas, inversamente, de correntes e circuitos que encontram aquelas unidades em sua passagem. Primários são os fluxos

⁴ Apenas a título de exemplificação, cf. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000; TURKLE, Sherry. *Life on the screen – Identity in the age of the Internet*. Nova York: Touchstone, 1997 e HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

e intensidades, relativamente aos quais os indivíduos e os sujeitos são secundários, subsidiários⁵.

A configuração dos problemas envolvendo a subjetividade em termos de uma oposição “moderno X pós-moderno”, entretanto, tende a revelar-se por demais simplificadora, tanto quando se propõe a descrever o sujeito contemporâneo quando na avaliação do dito sujeito moderno⁶.

Nossa proposta é de contribuir aos estudos da área que relacionam subjetividade e novas tecnologias comunicativas a partir de uma perspectiva histórica de inspiração genealógica dos regimes de atenção modernos, relacionando-os às tecnologias comunicacionais da segunda metade do século XIX. Com o objetivo de melhor dimensionarmos as relações entre subjetividade, atenção e novas tecnologias, pretendemos atentar às possíveis continuidades e descontinuidades deste processo histórico datando-o a partir de fins do século XIX.

Como se trata de uma pesquisa em andamento, no contexto do presente artigo, apresentaremos sumariamente, num primeiro módulo, questões envolvendo a problematização da atenção na segunda metade do século XIX a partir das recentes teses de Jonathan Crary. Num segundo módulo, indicamos elementos de nosso gesto de inspiração genealógica envolvendo o advento do telégrafo elétrico – aparato que configurou métodos e padrões técnicos para o desenvolvimento da Internet – e sua inserção no processo mais amplo de reorganização da atenção na modernidade. Teceremos, então, nossas considerações finais.

Modernidade e Atenção

Para pensarmos as questões concernentes à atenção e à distração na contemporaneidade, sugerimos que nos remetamos à segunda metade do século XIX. A razão desta indicação torna-se mais clara quando tomamos ciência de que o problema da atenção, neste período, torna-se foco de intensa acumulação discursiva e, simultaneamente,

⁵ SILVA, Tadeu Tomaz da. *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano*. In SILVA, Tadeu Tomaz da (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 15-16.

⁶ Sobre os problemas envolvendo a oposição moderno X pós-moderno para a análise da subjetividade, Cf. GONÇALVES, Márcio Souza, SAINT CLAIR, Ericson Telles, SANTOS, Marcelle da Costa e SHOLL, Felipe. *Meios de Comunicação e Subjetividade: Elementos para uma Metodologia de Análise*. Texto apresentado no NP 08 - Tecnologias da informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXVII Intercom. Porto Alegre, 2004.

estímulo para uma série de práticas de controle e intervenção nos corpos dos indivíduos. Com isso, não pretendemos indicar que tratamos de um mesmo tipo de atenção – esta da modernidade e à referente à contemporaneidade. Nunca é demais frisar que cada período histórico apresenta seus próprios sistemas de produção de pensamento, de práticas e discursos que regerão seus regimes de verdade. Por outro lado, uma investigação mais detalhada dos regimes de atenção na modernidade torna-se fundamental para a relativização dos estudos contemporâneos que, como indicamos previamente, tendem a relacionar a subjetividade moderna a algo fixo e imutável, em oposição à “subjetividade pós-moderna”.

Em *Suspensions of Perception*⁷, Jonathan Crary, a partir de uma metodologia que privilegia conexões transversais entre diversas áreas de saber, práticas e discursos, fornece-nos um interessante mapa das questões envolvendo a atenção na modernidade. A análise criteriosa de Crary nos é vantajosa em dois sentidos: em primeiro lugar, na medida em que fornece parâmetros para pensar a subjetividade moderna de maneira que esta não seja descrita banalmente em termos de centralidade, fixidez e univocidade. Além disso, permite que nos aprofundemos na problemática da atenção e em suas relações com diversos campos distintos.

No contexto de reorganizações institucionais do capitalismo da segunda metade do século XIX (com as novas configurações do trabalho industrial, o desenvolvimento dos transportes e do espaço urbano, para citarmos apenas alguns exemplos) a atenção ascende como foco de análise e interesse das mais diversas instâncias de poder. Uma dessas instâncias será a da subjetividade⁸.

As apropriações da subjetividade pelo poder são indissociáveis da ascensão de um novo regime epistemológico que focará seus locais de verdade na corporeidade do sujeito. Tal deslocamento de um modelo de conhecimento baseado numa verdade absoluta a um modelo calcado nas contingentes verdades corporais, em seus fluxos e temporalidades próprios, desloca igualmente o parâmetro de consciência a priori que garantia a representação do mundo.

⁷ CRARY, Jonathan. *Suspensions of perception: attention, spectacle and modern culture*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 2000.

⁸ Foge ao escopo deste trabalho uma descrição mais minuciosa das apropriações do poder institucional e discursivo da subjetividade moderna, sintetizadas por Crary na descrição da passagem de um regime de visualidade baseado na representação absoluta a um regime de visão que se corporifica e se subjetiva, descritos a partir dos modelos epistemológicos da *câmara obscura* e do *estereoscópio*, respectivamente. A este respeito, cf. CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1990.

Quando a prioridade da consciência absoluta na garantia de representação do mundo é problematizada, a atenção emerge como questão central no século XIX. Ou seja, quando o sujeito deixa de ser sinônimo de uma consciência que é essencialmente autopresente, quando não há mais a inevitável congruência entre subjetividade e pensamento, a atenção passa a ser objeto de interesse das diversas instâncias de poder, porque ela será o novo princípio regulador que garantirá a consistência do mundo para o sujeito.

Assim, destacam-se duas condições para o surgimento da atenção como um problema central para o pensamento da subjetividade moderna: a primeira delas relaciona-se ao colapso dos modelos clássicos de visão e do sujeito estável, pontual, que esses modelos pressupunham. A segunda refere-se a insustentabilidade de soluções a-priorísticas para problemas de caráter epistemológico.

Os meandros da atenção moderna são bastante complexos. “Prestar atenção” na modernidade implica desprender-se de um campo de atração mais amplo para concentração ou foco num reduzido número de estímulos.

Além disso, os regimes que moldam a atenção normativa não se restringem a um regime de visualidade.

Atenção, como uma constelação de textos e práticas, é muito mais que uma questão de fixação do olhar, de ver, do sujeito apenas como espectador. Isto permite que o problema da percepção seja extraído de uma fácil equação com questões de visualidade, e eu argumentarei que o problema moderno da atenção engloba uma gama de termos e posições que não pode ser simplesmente construída em termos ópticos⁹.

Além disso, o que se torna evidente a respeito da atenção no século XIX é a volatilidade que o termo encerra. A atenção sempre contém em si própria as condições de sua desintegração, ou seja, ela é “assombrada pela possibilidade de seu próprio excesso”¹⁰, como nossa experiência poderia atestar quando fixamos nossos sentidos da visão ou da audição por muito tempo em um só foco. De diversas formas, a atenção pode atingir um limiar em que ocorre ou uma deterioração da identidade perceptiva do objeto ou uma mutação no estado da própria atenção, como nos casos do transe ou da auto-hipnose.

Assim, a problemática da atenção na modernidade deve ser compreendida como um *continuum* em que estão incluídos outros estados perceptivos, como o devaneio, o transe ou

⁹ CRARY, J. *op.cit.*, p. 2.

¹⁰ *Ibid.*, p. 47.

a hipnose. Desta forma, atenção e distração não são essencialmente estanques, mas estados que funcionam num processo dinâmico e contínuo. Crary enfatiza, contudo, que as constantes descrições da distração dos indivíduos modernos não foram resultantes da interrupção de uma estabilidade “natural” existente por séculos, num chamado período pré-moderno, mas sim um *efeito* – e, em muitos casos, um elemento constitutivo – de várias tentativas de *produção* de atenção nos sujeitos.

A acumulação de conhecimentos em torno da atenção é classificada por Crary em três instâncias: o entendimento da atenção como expressão da vontade consciente de um sujeito autônomo para quem a própria atividade da atenção, como opção, seria parte de sua liberdade autoconstituída; a concepção de atenção como uma função de nossos instintos biologicamente determinados, ou seja, um vestígio de nossa herança evolutiva arcaica (como Freud e outros sustentaram) e, finalmente, a compreensão de que a atenção é algo a ser produzido através do conhecimento e controle de procedimentos externos de estimulação.

É neste último sentido que o problema da atenção nos interessa no contexto deste trabalho. Inspirados pela proposta de Crary para um exame das “mutações da atenção em vários sistemas, instituições e tecnologias diferentes, identificando específicas e significantes continuidades entre o final do século XIX e os nossos tempos”¹¹, interessamo-nos pelas diferentes formas como a atenção foi utilizada como controle e também como resistência (ou como um amálgama dos dois) e o papel da tecnologia do telégrafo elétrico neste processo.

Passemos, portanto, ao segundo módulo de nossa presente exposição. Nele, inicialmente, apresentaremos as razões da escolha do telégrafo elétrico em nossa análise. Em seguida, esboçaremos algumas hipóteses de como a tecnologia do telégrafo – que serviu como importante elemento de estruturação das redes de comunicação da segunda metade do século XIX – teria sido, por um lado, apropriada por diversas instâncias de poder institucional e discursivo no sentido de produção de atenção. Por outro, teria permitido a formação de um local de resistência ao insulamento, à dificuldade de se criar coletivos e a alienação da modernidade por meio da fundação de um imaginário próprio. Assim, teremos esboçado os primeiros passos desta nossa perspectiva histórica.

¹¹ CRARY, *op.cit.*, p. 72-73.

Telegrafia e Atenção

Em princípio, pode soar por demais excêntrico estudar a telegrafia elétrica na contemporaneidade, quando – como apresentamos no início do presente trabalho – grande parte dos olhares dos comunicólogos dirige-se às transformações promovidas pelas chamadas novas tecnologias de comunicação.

Entretanto, muitos dos estudos sobre telegrafia elétrica atualmente¹² são estimulados por uma necessidade de relativização de parte das teorias hodiernas que tende a exacerbar uma série de “conseqüências” das tecnologias do virtual. Tais estudos sobre telegrafia entendem, de maneira geral, que

“Novas tecnologias” é um termo historicamente relativo. Nós não somos a primeira geração a nos admirarmos com os rápidos e extraordinários deslocamentos na dimensão do mundo e dos relacionamentos humanos resultantes de novas formas de comunicação, ou de nos surpreendermos pelas mudanças que estes deslocamentos ocasionam nos modelos de nossas vidas. (...) Isto se inicia com a invenção do telégrafo, a primeira das máquinas elétricas de comunicação, uma ruptura tão significativa com o passado como foi a imprensa antes dele. Em um senso histórico, o computador não é mais que um telégrafo instantâneo com uma memória prodigiosa, e todas as invenções da comunicação neste entremeio têm sido simplesmente elaborações do trabalho original do telégrafo¹³.

Assim como a internet, o advento do telégrafo teria suscitado transformações estruturais no século XIX. Peter Burke afirma que

o telégrafo ligou mercados nacionais e internacionais, incluindo bolsas de valores e de mercadorias (algodão, trigo e peixe, por exemplo). Também aumentou a velocidade de transmissão de informação, pública e privada, local e regional, nacional e imperial, e, essa característica, a longo prazo, foi seu efeito mais significativo. A distância ia sendo conquistada à medida que se transmitiam informações relativas a governos, negócios, assuntos familiares, condições climáticas e desastres naturais ou provocados pelo homem, a maior parte delas como notícias¹⁴.

¹² Por exemplo, Cf. GITELMAN, Lisa e PINGREE, Geoffrey B (org.). *New Media, 1740-1915*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 2003; PIZZI, Fernanda Fortuna. *Redes de comunicação: telégrafo, Internet e discursos sobre a compressão espaço-tempo*. Rio de Janeiro: UERJ/ FCS, 2005; MARVIN, Carolyn. *When old technologies were new – thinking about Electric Communication in the Late Nineteenth Century*. New York: Oxford University Press, 1988; STANDAGE, Tom. *The Victorian Internet – The Remarkable Story of the Telegraph and the Nineteenth Century’s On-line Pioneers*. Nova York: Berkley Publishing Group, 1999.

¹³ MARVIN, Carolyn. *When old technologies were new – thinking about Electric Communication in the Late Nineteenth Century*. New York: Oxford University Press, 1988, p. 3. (tradução nossa)

¹⁴ BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 142

Diversas semelhanças entre telégrafo elétrico e internet têm sido traçadas. Apesar de não subscrevermos integralmente a analogia do telégrafo como a “internet vitoriana”¹⁵, já que atentamos às especificidades de cada tecnologia e as amplas relações que estas tecem com seus períodos históricos, interessa-nos a idéia de que o telégrafo forneceu “processos e padrões”¹⁶ gerais de funcionamento para as tecnologias posteriores, especialmente a internet. Interessa-nos, sobretudo, o processo de amplas reorganizações epistemológicas advindas com o telégrafo, suas relações com as diversas instâncias de poder e o estabelecimento de possíveis continuidades e descontinuidades com a contemporaneidade.

Desta forma, trabalhamos simultaneamente numa direção *crítica* e *genealógica*, nos termos de Michel Foucault:

Em relação ao aspecto genealógico, este diz respeito à formação efetiva dos discursos, seja no interior dos limites do controle, seja no exterior deles, seja, o mais das vezes, de um e de outro lado da delimitação. A crítica analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e unificação dos discursos; a genealogia estuda a sua formação, que é simultaneamente dispersa, descontínua e regular. A bem dizer, estas duas tarefas não são nunca totalmente separáveis; não há, de um lado, as formas de rejeição, de exclusão, de reagrupamento ou de atribuição; e depois, do outro lado, num nível mais profundo, o brotar espontâneo dos discursos, que, imediatamente antes ou depois da sua manifestação, são submetidos à seleção e ao controle (é o que sucede, por exemplo, quando uma disciplina ganha a forma e o estatuto de discurso científico); e inversamente, as figuras de controle podem formar-se no interior de uma formação discursiva (...) toda a tarefa crítica, interrogando as instâncias de controle, deve ao mesmo tempo analisar as regularidades discursivas por intermédio das quais aquelas se formam; e toda a descrição genealógica deve ter em conta os limites atuantes nas formações reais. Entre a tarefa crítica e a tarefa genealógica, a diferença não está tanto no objeto ou no domínio, mas no ponto a atacar, na perspectiva e na delimitação¹⁷.

Ressaltamos que entendemos como fundamental a reconstrução de nosso objeto empírico – o telégrafo elétrico – considerando não apenas o *aparato tecnológico* telégrafo, mas sim o telégrafo como *modelo epistemológico*, suscitador de novas práticas discursivas e institucionais, práticas que dizem respeito às relações de saber-poder.

A seguir, portanto, indicamos sumariamente algumas das ressonâncias deste modelo epistemológico em diversas instâncias de saberes e práticas de fins do século XIX. Trata-se

¹⁵ Cf. STANDAGE, Tom. *The Victorian Internet – The Remarkable Story of the Telegraph and the Nineteenth Century’s On-line Pioneers*. Nova York: Berkley Publishing Group, 1999.

¹⁶ BURKE, Peter. *Op.cit.*, p. 128.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 26.

de um primeiro mapeamento que servirá, neste contexto, aos nossos objetivos de exemplificação e elucidação de nossa proposta metodológica de relacionar telegrafia elétrica e atenção.

Por exemplo, citamos a criação de aparelhos como o cronoscópio, desenvolvido por cientistas como Wilhelm Wundt e Charles Wheatstone no final do século XIX. Os cronoscópios eram utilizados na medição da velocidade de respostas humanas a estímulos externos. O uso do telégrafo no funcionamento do cronoscópio a partir de 1848 funciona como uma reconfiguração de um modelo anterior de cronoscópio, desenvolvido por Charles Wheatstone na primeira metade da década de 1840. A possibilidade de medição instantânea do tempo propiciada pelas ondas eletromagnéticas do telégrafo foi a principal razão da substituição do antigo relógio mecânico presente no aparelho de Wheatstone¹⁸.

Indica-se que os procedimentos envolvidos na realização dos experimentos funcionavam apenas em condições de isolamento total do indivíduo, para minimizar qualquer possibilidade de *distração*. Para nossa investigação, interessa-nos o modo como os princípios da telegrafia foram utilizados em práticas que intervinham diretamente nos corpos humanos, tendo como meta a produção de atenção normativa.

Rapidez, re-ligação (*religare*) e compressão temporal parecem ser, em princípio, algumas das palavras-chave que rondam o modelo epistemológico do telégrafo e suas relações com a questão da atenção¹⁹.

Há ainda uma série de outros exemplos de nosso mapeamento discursivo ainda em curso, relacionados, por exemplo, ao imaginário religioso propiciado pelo telégrafo, bem como indicações do uso do imaginário telegráfico na literatura. Sobre o imaginário religioso propiciado pelo telégrafo²⁰, por exemplo, suscita nossa curiosidade o fenômeno do “telégrafo espiritual”, muito popular nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX. O “telégrafo espiritual” apresentava um modelo de funcionamento análogo ao das atuais sessões espíritas brasileiras, especialmente ao das religiões kardecistas. Nele, um

¹⁸ Cf. SCHMIDGEN, Henning. “A Roaring Silence – Encountering the Body Without Organs in Time Experiments Around 1900”. In: *Experimental Cultures: Configurations between Science, Art, and Technology, 1830-1950*. Berlin: Max-Planck-Institut Für Wissenschaftsgeschichte, 2002.

¹⁹ Curiosamente, estas palavras-chave apresentam ressonâncias com as raízes da palavra atenção, “com um sentido de ‘tensão’, de estar ‘esticado’”. Cf. CRARY, Jonathan. *op.cit.*, p. 10.

²⁰ A respeito do imaginário religioso suscitado pelo telégrafo, Cf. SCONCE, Jeffrey. *Haunted Media – Electronic Presence from Telegraphy to Television*. Durham: Duke University Press, 2000. Sobre o imaginário religioso propiciado pelo telégrafo e suas comparações ao fenômeno das religiões virtuais, cf. SAINT CLAIR, Ericson. *A morte no imaginário da cibercultura: um olhar sobre as Religiões Virtuais*. In: X SIPEC - Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste. Rio de Janeiro: CD-ROM do X SIPEC, 2004.

médium, freqüentemente uma mulher – em estado de *transe* – funciona como um *meio de comunicação* com o “sobrenatural”. Tal fenômeno recebera o sugestivo nome de telégrafo espiritual porque a forma como a “comunicação com os espíritos” se dava era por meio de toques e sinais semelhantes aos utilizados para a comunicação telegráfica – como o código Morse. Em nossa investigação sobre a atenção e suas modulações, interessar-nos-ia a maneira como o *transe* (como vimos mais acima, um dos estados do *continuum* da atenção na modernidade) é utilizado num sentido distinto daquele prefigurado pelas instâncias de poder.

A importância deste primeiro levantamento é de sustentar nossas iniciais hipóteses de que o advento do telégrafo elétrico no final do século XIX inseriu-se num processo mais amplo de produção de atenção normativa e, simultaneamente, de formas de resistência a ela. As duas formas, entretanto, calcadas num processo mais amplo de reorganização institucional e discursiva do capitalismo finissecular.

Considerações finais

É evidente que nossa abordagem da problemática envolvendo subjetividade, tecnologias da comunicação e atenção, no contexto deste artigo, é ainda bastante inicial. Não há, portanto, qualquer pretensão de esgotamento das questões que envolvem o tema da atenção relacionado às tecnologias comunicacionais. Como afirmamos mais acima, a complexidade destas questões exige um exame bem mais minucioso de pesquisa que, certamente, não se restringiria a uma única direção de investigação. Contudo, nossa proposta de *uma*²¹ genealogia a partir da segunda metade do século XIX quando, por um lado, a atenção passa a ser foco de intensa reorganização discursiva e, por outro, o advento da tecnologia do telégrafo – ancestral da internet – está intimamente ligada a estes processos, parece-nos bastante útil, dado o estatuto que a atenção relacionada às novas tecnologias adquire na contemporaneidade.

Sendo assim, esperamos que nossa perspectiva histórica possa contribuir aos estudos da área de comunicação que enfatizam as tecnologias da informação e suas relações com a subjetividade contemporânea.

²¹ Corroboramos a idéia de que há diversas maneiras de se dirigir a uma perceptiva histórica, tanto no sentido genealógico quanto no sentido arqueológico. Cf. FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits III: 1976-1979*. Paris: Gallimard, 1988, p. 29.

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura) - Volume 1*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2a. ed., 1999.

CRARY, Jonathan. *Suspensions of perception: attention, spectacle and modern culture*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 2000.

_____. *Techniques of the Observer*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 1990.

DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris, Gallimard, 1992.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Sociedade tecnológica: de Prometeu a Fausto*. Revista Contracampo, número 4. Niterói: IACS/UFF, 2000.

_____. *Tecnologias, memória e esquecimento: da modernidade à contemporaneidade*. Texto inédito, apresentado no GT 12 – Tecnologias Informacionais da Comunicação e Sociedade, no XIV Encontro Anual da Compôs. Niterói, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Dits et écrits III: 1976-1979*. Paris: Gallimard, 1988.

_____. *As Palavras e as Coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GONÇALVES, Márcio Souza; SAINT CLAIR, Ericson Telles; SANTOS, Marcelle da Costa e SHOLL, Felipe. *Meios de Comunicação e Subjetividade: Elementos para uma Metodologia de Análise*. Texto apresentado no NP 08 - Tecnologias da informação e da Comunicação, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXVII Intercom. Porto Alegre, 2004.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

MARTINS, Hermínio. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Século XXI, 1996.

MARVIN, Carolyn. *When old technologies were new – thinking about Electric Communication in the Late Nineteenth Century*. New York: Oxford University Press, 1988.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MORAVEC, Hans Paul. *Mind Children*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

OTIS, Laura. *The Metaphoric Circuit: Organic and Technological Communication in the Nineteenth Century*. Berlin: Max-Planck-Institut Für Wissenschaftsgeschichte, 2001.

PIZZI, Fernanda Fortuna. *Redes de comunicação: telégrafo, Internet e discursos sobre a compressão espaço-tempo*. Rio de Janeiro: UERJ/ FCS, 2005.

SAINT CLAIR, Ericson. *A morte no imaginário da cibercultura: um olhar sobre as Religiões Virtuais*. In: X SIPEC - Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste. Rio de Janeiro: CD-ROM do X SIPEC, 2004.

SCHMIDGEN, Henning. “A Roaring Silence – Encountering the Body Without Organs in Time Experiments Around 1900”. In: *Experimental Cultures: Configurations between Science, Art, and Technology, 1830-1950*. Berlin: Max-Planck-Institut Für Wissenschaftsgeschichte, 2002.

SCONCE, Jeffrey. *Haunted Media – Electronic Presence from Telegraphy to Television*. Durham: Duke University Press, 2000.

SILVA, Tadeu Tomaz da. *Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano*. In SILVA, Tadeu Tomaz da (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STANDAGE, Tom. *The Victorian Internet – The Remarkable Story of the Telegraph and the Nineteenth Century’s On-line Pioneers*. Nova York: Berkley Publishing Group, 1999.

STUBBS, Katherine. “Telegraphy’s Corporeal Fictions”. In: GITELMAN, Lisa e PINGREE, Geoffrey B (org.). *New Media, 1740-1915*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 2003.

TURKLE, Sherry. *Life on the screen – Identity in the age of the Internet*. Nova York: Touchstone, 1997.